

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1166	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	645	120	20 de Maio de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	645	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	645	120		

Congresso do «Turismo» em Lisboa (Vid. Chronica)



A COLONIA ESPANHOLA DE LISBOA E CONGRESSISTAS ESTRANGEIROS, DEPONDO UMA CORÇA DE FLORES, NO MONUMENTO DE CAMÕES
 (Cliché Benoliel)

CHRONICA OCCIDENTAL

Victor Hugo, em uma d'aquellas visões apocalypticas do seu enorme genio, entreviu um dia no horizonte mysterioso do futuro o destino da França no movimento das civilisações humanas. Paiçã no espaço e antecipando os tempos, elle prophetizou ao mundo, para o nosso seculo, o advento de uma nação extraordinaria, de um povo sobre todos illustre, rico, prudente, virtuoso, pensador, e cordeal para o resto da humanidade. Falemos nós agora dos nossos proprios destinos. Falemos d'esta nossa gentil e querida Lisboa — do seu presente e do seu futuro. Nada de prophcias na propria terra. As do poeta têm ainda um largo periodo de cem annos deante de si, para se vêrem realisadas — se alguma vez o fôrem: que a vista das aguias tambem a turvam as distancias, e as phantasias do genio nem todas se traduzem em reali fadé.

Lisboa, esta nossa antiga e sempre formosa cidade, parece-nos estar destinada a ser um grande

centro, um dos emporios do commercio, e a nossa capital, que dos tempos passados, das gerações extinctas, não conserva outros vestigios, outras memorias senão os Jeronymos, a Sé, o Castello, a Conceição Velha, o Carmo, e a tradição da sua grande vida historica, reflecte já hoje no seu aspecto a luz viva e irrequieta da civilisação moderna. Tem ido estugando o passo, e de dia para dia vae mostrando que não quer ficar para traz. Sabe-se como o terremoto aplanou o caminho ao progresso, e os elementos, convulsionando se na entranha da terra, vieram inconscientemente ao encontro do Marquez, e deram-lhe largo e grandioso ensejo para pôr em pratica e manifestar os dotes do seu forte e levantado espirito.

A evolução constante da humanidade produzirá novos estados e imperios, novos agrupamentos de povos; deslocar-se-hão, descerão do seu pedestal os grandes centros de civilisação; formar-se-hão outros, talvez imprevisos, com as novas correntes humanas; o commercio e a industria substituirão, na grande vida internacional, as velhas idéas tradicionaes e historicas; formar-se-hão colonias novas na Africa, como aconteceu na America, e d'ahi sahirão nações poderosas, e tam-

bem novas e grandes raças. Não pára, n'este rodar incessante, o progresso, que como um astro alarga cada vez mais a area da orbita immensa, no seu giro eterno.

Qual será o destino de Lisboa n'esse mundo novo? Voltará a ser grande, como o foi em 1500? Dar-lhe-hão a Africa e a America o que lhe deu então a India? Nós démos Europa a Africa, a Asia e a America; e Lisboa recebeu nos seus vastos armazens os productos do Oriente, arrebatando o monopolio d'esse commercio aos mercadores arabes e aos opulentos venezianos. Recuperará agora a cidade do Tejo a sua importancia d'out'ora, como centro do movimento e ponto de reunião dos interesses commerciaes da peninsula hispanica e do norte da Europa?

Com a colonisação da Africa, com o desenvolvimento da civilisação n'essas regiões, hoje na maioria ainda desertas e inhospitas, crescerão as suas relações com a Europa; e Lisboa será ainda o primeiro grande porto de abrigo, e a primeira grande cidade que os viajantes, as mercadorias e os grandes navios de transporte encontrarão no seu trajecto entre as costas africanas e os povos do norte.

As consequências d'este facto natural, e simples na apparencia, são incalculaveis — ninguem as poderá determinar; mas Lisboa, se o seu vasto porto offerecer a segurança e as commodidades necessarias á navegação e aos viajantes — os estaleiros, as dokas, e a facilidade da entrada na sua barra — pôde e deve vir a ser em breves annos uma das primeiras e mais opulentas cidades do mundo.

Temos a materia prima; o que falta é a mão de obra. Mas por ventura não a teremos, se quizermos?

Quantas vezes ouvimos nós dizer, a respeito das bellezas da cidade, que isto nas mãos dos inglezes já ha muito que seria outra coisa! Ora os inglezes téem, como nós, cinco dedos em cada mão; mas, comquanto muitos poetas, são também muito praticos, e também pertinazes, insistentes nos seus propositos; e como quem teima vence, elles vão vencendo. Não é sempre aquella brilhante e facil victoria, tão amada dos latinicos; mas é victoria, e posse, e poderio, e riqueza, sempre novos alentos para outras emprezas e conquistas, e a *Old England* vae fazendo ouvir a todos os povos do mundo, na terra e nos mares, o seu velho e altivo «Rule, Britannia!»

A navegação transatlantica procura o nosso porto na sua passagem para a America do Sul, e nós vemos este movimento accentuar-se e crescer de dia para dia com a formação das grandes companhias francezas, inglezas e allemãs. Principiou já a resurgir a nossa marinha mercante, onde já avultam navios de grande lotação. Que os capitães portuguezes a auxiliem, e o futuro compen-sará de certo os sacrificios que lhe fizer o presente.

Em vinte annos, se tanto, a cidade tem crescido em construcções, em movimento, em commercio, em industria, em commodidades, distrações, em tudo — na virtude e no vicio; mas se ha muito caminho andado, muito maior é o que temos a percorrer, e são taes as condições da terra, tão apta ella é aos melhoramentos, tão propria para chamar e attrahir a si os estrangeiros, pela incomparavel belleza d'esta bacia do Tejo, em que ella está recostada, pela suavidade do clima, pelo esplendor d'este ceu — que anda sempre no nosso espirito pairando um ideal, que de longe, de muito longe, nos sorri, e parece dizer-nos: quanto isto seria bello e maior ainda, se nós quizessemos!

É necessario descentralisar a iniciativa, pois depende d'isto o nosso futuro, como nação. Será este o grande principio salvador, porque é a grande necessidade d'esta boa terra portugueza, que, por tradição e pelo inveterado, parece estar sempre á espera de uma ordem superior para se mover — seja no bom, seja no mau sentido!

Passou o tempo de El-Rei Nosso Senhor, que todo lo mandava, e a quem todos pediam; mas o costume de pedir, esse ficou... Chamamos a attenção do governo sobre... Pedimos ao governo que... Esperamos que o governo resolva... e é isto o que vemos e ouvimos a todo o momento, nos jornaes, nas manifestações, nos requerimentos, nos discursos politicos! Sempre o governo! Elle é que ha de prevêr, estudar, resolver, promover, premiar e castigar tudo e todas as coisas. Por isso, sendo o logar alto e vistoso, e na apparencia lucrativo, ha já muito quem não queira ser ministro!

É aos municipios que compete tomar a iniciativa em tudo que diga respeito á grandeza, prosperidade e embelezamento das suas cidades e villas. Dir-nos-hão que não é a boa vontade que lhes falta, mas sim os meios de a pôr em pratica — o dinheiro. Responda-se-lhes que o que lhes falta, e o que nos falta, em geral, é o tacto administrativo, é a orientação illustrada e séria. Em Portugal, porque abunda mais a imaginação ambiciosa do que o senso pratico.

Lisboa é já hoje a grande estação inter-continental da Peninsula. A sua posição maritima, a belleza do seu clima, as soberbas paizagens que a ornão ao sul e ao norte — Azeitão, Palmella, a Arrabida, Cintra, Collares; as pittorescas povoações que se estendem á beira-mar, concorridas estações balneares, que são como o prolongamento maritimo da grande cidade, desde Belem até Cascaes, marginaes umas, como o Monte Estoril, outras, como Linda-a-Pastora, estanciadadas na encosta da serra, e ás quaes a concorrência acrescentará novos encantos, fazem-nos crêr, sem grande esforço de imaginação, que, em um futuro que não deve ser muito afastado, a nossa capital será das mais frequentadas estações de verão da Europa. E de nós depende que o seja.

São de primeira ordem os elementos naturaes de que dispomos. Que a iniciativa particular, a

dos municipios, a do Estado e a das associações; que o bom gosto e a arte, o commercio e a industria, todos se empenhem em os fazer valer aos olhos dos estrangeiros. Foi a audacia nos tentamen-s, foi a tenacidade nas emprezas, foi a largueza do espirito nas aventuras, que nos fizeram grandes e celebres, e que deram a este pequeno reino de milhão e meio de habitantes, durante quasi dois seculos, o dominio dos mares na Africa, na India e na America!

Pois bem: já que a vitalidade, o fundo de resistencia d'esta raça, forte e experimentada em todos os lances e perigos da vida humana, não se extinguiram — as provas são recentes — empreguemol-os em novas emprezas, grandes também como esta, que é pacifica e porventura de certas e duradouras vantagens.

Tudo isto, e o muito mais que fica no tinteiro, nos é lembrado pela prova brilhante que acabamos de dar á Europa, reunindo aqui em Lisboa o Congresso do Turismo. Esplendida manifestação ella foi do que os portuguezes são, a despeito da sua propria má lingua; e ampla promessa também do mais que ainda havemos de ser. Ainda bem que nos podemos orgulhar da jubilosa surpresa que Lisboa — e quem diz Lisboa diz Portugal — poude offerecer aos congressistas estrangeiros, que n'este momento nos dizem adeus — até á volta!

JOÃO PRUDENCIO.

FONS-VITÆ

I

Amôr liberto — é limpida corrente
Que, de serenas ou bolhosas aguas,
Vai brotando de fêrvida nascente.

Indo suave ou refflorindo em maguas
— Espumas alvas — canta o seu rimance,
Ameigue flôres ou alise fraguas.

Sentir ignoto faz que não descance
Por sobre a rocha em que febril caminha,
— Para ser nitida é mister que avance.

Na márgem linda as plantas que acarinha,
Dão pomo emfim... E as folhas caem... Terna
Canta saudades... e sorri... e asinha

Abraça o largo mar da Vida-Eterna!

II

Amôr liberto — é arvore florida
Que um fino veio d'agua oscula e afaga...
E ergue as mãos livres na amplidão da Vida.

Entre-abre o seio á brisa que embriaga,
Em ondas perfumadas de harmonias
Que se espraiaem nos ares de vaga em vaga...

Alça orgulhosa as amplas ramarias
E leve enxame zumbidôr lhe tece
Uns diademas de louras fantasias.

As aves cantam... E o outono desce...
E a flôr se transmudou em pômo... E terna
Deita a sementa á terra que a guarece

Na gloriosa expansão da Vida Eterna!

III

Amôr liberto — é ninho chilreante,
Entretido em hastes sem acumes,
Duma floresta virgem, viridante.

Como flôres alagadas em perfumes,
Que vão desabrochando lentamente,
Surgem do ninho trepidas, implumes,

Avesitas á luz do sol nascente...
A floresta é melódico regaço
Que a suave brisa embala docemente...

Decorrem sóes... Um dia, emfim, acaso,
Fixam os olhos na amplidão superna...
Pipilam... tremem... erguem-se no espaço...

Na glorificação da Vida-Eterna!

(Evangelho da Vida em preparação.)

ANTONIO COBEIRA.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

No dia 3 offereceu-nos a Colonia Portugueza um almoço no Parque Hotel ao qual assistiram 30 pessoas, e no dia 4 tivemos no mesmo hotel um jantar offerecido pelo Commandante da Marinha, ao qual assistiram o sr. Pareja e varios officiaes da marinha Uruguyana. N'este mesmo dia tive a almoçar a bordo, o Commandante da Marinha o sr. Julio Bastos, de origem portugueza e aqui juiz do Supremo Tribunal de Justiça, o sr. Pareja e o Consul de Portugal.

Não sendo a pilotagem de sahida do porto artificial obrigatoria, prescindimos do piloto e ás 6 horas da manhã do dia 5 começámos a suspender e navegámos a sahir do porto interior pelas 7 horas da manhã. Soltámos o rumo para o barco farol da Recalada, situado á entrada do canal que conduz a Buenos Ayres. Como este barco farol está provido d'um aparelho de telegraphia sem fios, communicámos que desejavamos piloto para o canal o que fez com que ao chegar ao barco farol já estivesse a embarcação com o piloto á nossa espera. Mettemos o piloto a bordo ás 9 h. e 15 m. e com optimo tempo continuámos a navegar em direcção a Buenos Ayres. Ás 3 h. e 50 m. entrou a bordo o piloto das dokas, ás 4 h. e 30 m. pegou-nos um rebocador e seguiu outro á pópa como é uso do porto e ás 5 amarrámos ao caes de leste da Darsena Norte.

Ficaram em Montevidéu as seguintes praças que tinham ido a terra com licença: 4229 — corneteiro Carlos Alves, 3251 — 2.º fogueiro Alfredo Pinto, 5104 — chegador Manoel da Silva, 5115 — chegador João do Quintal, 3563 — 1.º grumete José Martins e 4554 — chegador Flansino da Silva Tavares.

Não é necessario desembarcar em Buenos Ayres para se perceber que se trata d'um paiz extraordinariamente rico. O accesso ao porto por um canal de mais de 90 milhas de extensão, completamente balisado com boias luminosas, barcos faroes e farolins, canal onde se encontram sempre dragas funcionando, batelões, rebocadores, etc., indica que vale a pena as grandes despezas que estes serviços representam, as quaes são largamente compensadas pela riqueza do Paiz. O porto completamente artificial, com as suas quatro grandes dokas de fluctuação, além dos antepostos, tem de ser constantemente augmentado, pois n'elle não cabem todos os navios que o demandam.

No dia da nossa sahida, 15 de fevereiro, encontrei na rada exterior 8 vapores e 4 navios de vela carregados, esperando logar no porto para poderem descarregar as suas cargas e 15 vapores na rada interior aguardando a sua vez para carregar. Desembarcando confirma-se logo esta impressão.

N'uma cidade que tem hoje perto de um milhão e um quarto de habitantes, não se encontra um pobre a pedir esmola, e por toda a parte se manifestam indicios de riqueza.

O Jockey Club, do qual os officiaes do *S. Gabriel* foram feitos socios honorarios, durante a sua permanencia em Buenos Ayres, é um edificio riquissimo, com lindas salas, valiosos quadros e estatuas, gabinetes de leitura, sala d'armas, etc., o que se comprehenderá, sabendo que as quotas dos socios rendem 18 contos de réis por mez e as corridas mais de 100. Por isso o anno passado deu 260 contos para instituições de caridade.

O jornal a *Prensa* tem no seu bello edificio, além das mais perfeitas installações e machinismos que um jornal pôde ter, aposentos para hospedes illustres, bibliotheca publica, consultorio medico, e consultorio agricola gratuitos, restaurante e sala d'armas para os empregados, etc.

Nos theatros, onde veem representar os melhores actores do mundo, nos passeios onde se encontram ricas equipagens e magnificos automoveis e nas toilettes das senhoras que se vestem de Paris, em tudo se comprehende que só em Buenos Ayres ha gente rica e que homens e mulheres estão aqui costumados a dispôr de grandes fortunas, que pela maneira que são gastas se vê, deram pouco trabalho a adquirir.

Para fazer uma idéa do augmento prodigioso da riqueza da republica argentina, bastará fixar os seguintes algarismos:

Accrescimo da população:

Em 1869..... 1.877.490 habitantes

Em 1907..... 6.000.000



UMA VISTA DE MONTEVIDEO

Augmento da população de Buenos-Ayres:

Em 1869.....	177.787 habitantes
Em 1908.....	1.149.330

Progresso da emigração:

Em 1871.....	39.667 imigrantes
Em 1907.....	257.924

Desenvolvimento das vias ferreas:

Em 1871.....	985 kilometros
Em 1907.....	21.668

Accrescimo do commercio:

Em 1870.....	66.060 contos
Em 1907.....	523.800

Pouco depois de amarrar o navio ao caes, vieram a bordo cumprimentar-me, o Ministro de Portugal, Visconde de Meirelles, o Consul Quadrios, o Visconde de Riba Tua e outros portugueses de distincção residentes em Buenos Ayres. Apresentaram-me um programma de festas em nossa honra, organisadas pela colonia portugueza de Buenos-Ayres, que agradei e aceitei.

No dia 7, em companhia do consul, visitei o

Ministro de Portugal no Hotel Phoenix onde estava hospedado, troquei cumprimentos com o commandante do cruzador *Patria* e recebi a visita do Almirante Rafael Blanco, Prefeito Geral dos Portos. Acompanhado de alguns officiaes, fui ás corridas de cavallos no magnifico hyppodromo de Palermo e ás 7 horas seguimos no comboio em companhia do Ministro para o Tigre, onde o Visconde de Riba Tua nos offereceu um jantar. O Tigre é uma estação de verão, a uma hora de caminhos de ferro, onde estão residindo n'essa epocha familias distinctas de Buenos-Ayres. A povoação é cortada de canaes, onde navegam muitos *yachts*, barcos automoveis e embarcações a remos, uma especie de pequena Veneza.

Depois do jantar houve uma soirée no Club. N'esta mesma noite nos fôram offerecidos, no theatro da Opera, tres camarotes para assistir ao baile de mascaras.

No dia 7 de tarde, visitei o Prefeito dos Portos, o Intendente Municipal e o chefe da policia. Em

seguida tomei parte n'um passeio de carruagem, offerecido pela Colonia Portugueza, durante o qual percorremos os passeios de Belgrano e Palermo, e visitámos o Jardim Zoologico.

A's 10 h. e 30 m. partimos para o Tigre, onde assistimos a um baile de mascaras que durou até á madrugada.

No dia 8 convidei a almoçar a bordo os Viscondes de Meirelles e o consul Quadrios. A's 8 da noite realisoou-se no Hotel de Paris o jantar de 30 talheres, que nos foi offerecido pela Colonia Portugueza. Presidiu o nosso Ministro e trocaram-se brindes muito affectuosos.

Pelas 5 h. da tarde do dia 9, fui com o Minis



UMA VISTA DA CIDADE DE BUENOS AYRES



tro de Portugal visitar os Ministros da Marinha e dos Estrangeiros.

Tendo terminado as festas do carnaval, nomeou o Ministro da Marinha uma comissão de officiaes para nos receberem e ficarem á nossa disposição, composta do capitão de fragata Bernabé Merene, tenentes de fragata Aureliano Rey e Regino de la Sota e dos guardas-marinhas Ricardo Fitz Simon, Anibal Sanchez e Pedro Florido.

Organizou-se tambem o seguinte programma de festas e visitas de estudo que aceitei, com excepção da parte de domingo, visto já estar comprometido com a Colonia Portugueza para esse dia.

Quarta feira, 9 de fevereiro, ás 9 h. e 30 m. (p. m.) — Recepção no Centro Naval;

Quinta feira, 10 de feve-



reiro, ás 8 h. (a. m.) — Visita ao Porto e ás 4 h. e 30 m. (p. m.) passeio em automovel pela cidade e jantar no Pavilhão das Rosas;

Sexta feira, 11 de fevereiro, ás 8 h. (a. m.) — Visita e almoço na Escola Naval e visita ao observatorio de la Plata; ás 6 h. (p. m.) jantar offerecido á marinagem no Deposito do Corpo de Marinheiros;

Sabbado, 12 de fevereiro, ás 8 h. (p. m.) — Jantar offerecido no Jockey Club pelo Ministro da Marinha;

Domingo, 13 de fevereiro, ás 4 h. (p. m.) — Passeio e jantar no Hotel do Tigre.

Na recepção do Centro Naval, d'onde fômos feitos socios honorarios, estavam o Ministro da Marinha e muitos officiaes que fôram para conosco d'uma grande amabilidade. Assistiram a esta



CONGRESSO DO TURISMO EM LISBOA — AS DECORAÇÕES EM CASCAES E RECEPÇÃO DOS CONGRESSISTAS — CONGRESSISTAS NO CASTELO DA PENA, EM CINTRA

Congresso do Turismo, em Lisboa



feita o Ministro e Consul da Portugal.

Pelas 8 h. da manhã fomos a bordo do vapor do Governo *Vigilante*, e acompanhados pelos officiaes argentinos visitar todo o porto de Buenos-Ayres e algumas das suas installações, armazens, etc., visita que a meu vêr foi muito interessante e instructiva. Tomaram parte n'ella todos os aspirantes embarcados no *S. Gabriel*. A' noite realisonou-se em Palermo o jantar que nos foi offerecido no Pavilhão das Rosas.

No dia 11 fomos os aspirantes acompanhados pelo tenente Marinho e officiaes e aspirantes argentinos visitar na cidade de La Plata o observatorio e a Escola Naval onde lhes foi offerecido um almoço. O observatorio fundado em 1882 por um astronomico francez, discipulo de Mouchez, consta de varios pavilhões isolados destinados aos diferentes instrumentos.

No primeiro pavilhão existe um telescopio, tendo um movi-



A GRANDE PARADA AGRICOLA NO RIBATEJO, EM HONRA DOS CONGRESSISTAS
— «GARDEN-PARTY» NO JARDIM DA ESTRELA

mento regularissimo acompanhando o sol, o qual lhe é dado por um apparelho Foucault. A cupula é movida electricamente.

No *ecran* viam-se duas manchas muito nitidas ligadas por um cordão de menor diametro e menos distincto, proximo do limbo occidental. A ampliação é de 1 : 100. Ha pouco tempo um astronomico de Chicago descobriu que aquellas manchas desempenham o papel de projectores magneticos, irradiando d'ellas, em linha recta, o magnetismo como um projector irradia luz.

No segundo pavilhão existe n'elle uma luneta astronomica de campo muito amplo que o professor Francisco Porro Somenzi, director do observatorio que nos acompanhou na visita, emprega especialmente para observações de cometas. Foi construida pela casa Zeiss e existe no observatorio ha quatro mezes dando magnificos resultados. A objectiva tem tres

lentes para assim annular quasi completamente o achromatismo. As lentes teem coefficients de refração desiguaes determinados previamente pelos physicos, sendo em seguida postos em pratica chimicamente. Aqui viram os aspirantes uma carta celeste onde o professor Porro tem traçado a trajectoria do cometa de Halley. Agora não era visível por estar proximo do sol.

No terceiro pavilhão está montado um telescópio ao qual está adaptado um apparatus photographico. Não podia funcionar por se ter partido a lente. Mandou se fazer uma a Iena que importará em oito mil marcos. A pratica demonstrou que era necessario mudar o local d'este telescópio por causa da irradiação da luz electrica da cidade.

No quarto pavilhão existe o sismographo situado n'um subterraneo. Passa uma linha ferrea a menos de 50 metros e não exerce influencia no apparatus. Está em communicacão electrica com a estação de S. Juan dos Andes, que fica a 1.200 kilometros. O movimento do pendulo é decomposto mecanicamente nas direcções norte-sul e leste-oeste. O primeiro abalo é registado exactamente. Os que se seguem não são de confiança porque actua a inercia. Na Allemanha está-se estudando um apparatus de fricção para obstar a este inconveniente. O papel é impressionado, dando uma especie de photographia do abalo. Cada minuto é representado por um centimetro, de modo que o graphico é muito nitido.

Existe no quinto pavilhão uma luneta de passagens, com disposições para eliminar a equação pessoal. O reticulo tem 16 fios gravados no vidro em 4 grupos de tres fios e um de quatro.

Um chronographo, com chave electrica, regista a hora da passagem nos diferentes fios do reticulo.

A hora que primeiro foi adoptada no observatorio foi a de Cordova; depois usou se a de La Plata e agora adopta se a de Greenwich. No parque ha um anemometro registador de Richard para determinar a direcção e força do vento, collocado n'uma torre de 16 metros por causa do arvoredado que existe em volta do observatorio.

Visitaram em seguida os aspirantes a Escola Naval e suas dependencias. N'esta occasião estavam os aspirantes fazendo na perfeição exercicio da tactica allemã ultimamente adoptada na Marinha.

Os aspirantes argentinos entram para a Escola Naval depois d'um curso preparatorio que corresponde proximo ao nosso terceiro anno de lyceu e ali permanecem 5 annos fazendo no quarto anno uma viagem de circumnavegação no navio escola *Presidente Sarmiento* que por varias vezes tem estado no Tejo. Existe o internato. Os alumnos mais classificados teem um quarto só para si. Os outros pódem até 4 estar no mesmo dormitorio. Almoçaram na escola com os aspirantes portuguezes os oito alumnos argentinos mais classificados.

No dia 12 de fevereiro mettemos 151 toneladas de carvão Cardiff ao preço de 36 shillings a tonelada f-o b que nos foi fornecido pela «River Coal Company» para a qual tinhamos uma recommendação da séde em Londres. A's 8 horas da noite realizou-se na sala Imperio do Jockey Club o jantar oferecido ao S. Gabriel pelo Ministro da Marinha. Estavam além do Ministro, almirantes, officiaes argentinos, o introductor dos Embaixadores Rodolpho E. Lynch, e o sub-secretario das Relações Exteriores Mario Ruiz de los Llanos, Ministro de Portugal e commandante e sete officiaes do S. Gabriel. A sala onde se realizou o jantar é uma linda sala de marmore estylo imperio, tendo nas paredes marmores de variadas côres, ao centro uma fonte em torno da qual se arma uma meza circular e no tecto um lindo quadro de Ribera representando a Noite, a Aurora e o Dia. Na minha opinião só este quadro e a linda estatua de Diana por Fallières (custou 40 contos) que está na escada, justificariam uma visita ao Club.

No domingo, 13 de fevereiro, foi-nos offerida pela Colonia Portugueza uma linda excursão a Colonia (cidade do Uruguay em frente de Buenos-Ayres) onde houve uma toirada. Tomaram parte n'esta excursão mais de cem convidados dos quaes metade seriam senhoras, todos os officiaes e aspirantes que não estavam de serviço, muitos portuguezes e umas 70 praças e Estado Menor do S. Gabriel. Esta excursão effectuou-se a bordo d'um dos grandes vapores do rio que navegam no Rio da Prata *Rivadavia* que pela empreza fóra oferecido á Colonia Portugueza para esse fim. Por causa d'uma greve tive de fornecer ao vapor 8 fogueiros e chegadores do S. Gabriel. A bordo houve almoço e jantar. Tendo partido

de Buenos-Ayres ás 10 h. e 30 m. da manhã regressámos ás 9 h. e 30 m. da noite.

No dia 14 ás 2 horas da tarde a convite do intendente municipal fui com alguns officiaes em dois automoveis, percorrer a cidade e visitar o magnifico theatro Colon e o Jardim Zoologico.

Na mesma tarde visitei as extraordinarias installações do jornal a *Prensa*, despedime do nosso Ministro e realiso se a bordo uma matinée. Pelas 7 horas da tarde d'este dia cahiu um muito forte pé de vento que envolveu a cidade e os navios em nuvens de pó e causou bastantes estragos materiaes tanto em terra como no mar.

A bordo do S. Gabriel apenas soffremos da inundação de poeira ficando d'ella cheias as camaras, camarotes, etc., phenomeno que nunca tinha observado. A's 8 h. da noite, na mesma sala imperio do Jockey Club, realiso-se o jantar oferecido pelo nosso Ministro Visconde de Meirelles, jantar a que concorreram pouco mais ou menos os mesmos personagens da outra vez. Com esta festa terminou a série de diversões que fóram muitas, com que o Governo argentino e a Colonia Portugueza de Buenos-Ayres entenderam de ver obsequiar este cruzador.

A. PINTO BASTO.

Capitão de fragata

Waterloo

«Waterloo foi o desmoronamento da monarchia militar, foi a queda da força, e derrota da guerra. Póde admitir-se, apesar do que tenham dito eruditos escriptores, que o genio das batalhas não houvesse abandonado o grande capitão n'aquella sanguinolenta jornada; mas a sorte pronunciaára-se contra elle, e a victoria dependeu de algumas circumstancias, apenas dignas de attenção, e a que os homens chamam acasos. — Imensos acasos, diz Victor Hugo, proporcionados a um infinito que não podemos abraçar. ... Na batalha de Waterloo, ha mais que nuvem ha meteoro. E' Deus que passa.»

PAULO VOITURON — Estudos *Philosophos e Literarios sobre os «Miseraveis» de Victor Hugo* — Traducção de F. F. da Silva Vieira — Lisboa — 1863.

Leitor, amigo, haveis lido já o celeberrimo romance-epopeia, que só por si garantiria a immortalidade ao inconfundivel poeta seu auctor?

Não vos succedeu sentir uma commoção profunda, ao percorrer as paginas soberbas consagradas pelo genial francez áquella peleja assombrosa em que teve occaso tremendo o astro da Corsega?

Por mim, percebi me por mais de uma vez durante a leitura, presa de calafrios, estremeci, chegaram as palpebras a humedecer-se-me, quando cheguei, finalmente, ás inolvidaveis phrases que o rematam, não obstante o evidente exagêro do inspirado sonhador, legitima gloria da humanidade!

O capitulo dos *Miseraveis*, consagrado á narrativa da batalha, tem valor de peça primorosa de estylo empolado na litteratura franceza, mas pecca por deficiencia de rigor de verdade historica do mesmo modo que a de Thiers, na *Histoire du Consulat et de l'Empire*. Ambas provam fascinação de psychologia.

Presta se, com effeito, a catastrophe militar que precedeu para Napoleão a mais terrivel ainda, em Santa Helena, presta se, repito, ao meditar do pensador philosopho, que poderá, de ponderação em ponderação, e de assérto em assérto elevar-se á concepção de causas extranhas, superiores ás leis e ás forças que presidem aos naturaes phenomenos que nos impressionam e filiar o acontecimento historico em uma suprema fonte, razão de equilibrio, desagravo soberano de justiça, designio sublime de Providencia no governo do mundo!

Se Napoleão não fosse vencido em Waterloo, é indubitavel que o direito authentico dos povos ás suas legitimas liberdades e concomitantes garantias, haveria sido posto de parte com semceremonia esmagadora e o sonho do cabo de guerra insaciavel converter-se-ia, dentro em breve, na realidade absoluta de um colosso territorial excedendo em muito os dilatados limites do antigo imperio romano!

A' luz do verdadeiro criterio de boa critica, Waterloo foi o que devia ser, isto é, uma carta

de alforria concedida e conferida no proprio momento psychologico de oportunidade, áquelles que pretendia manter subjugados sem embargo de quaesquer titulos de verificada legalidade juridica, um homem que até por surpresa empolgára o mando em plena capital da França!

Cahiu, porque ha uma lei de compensação e uma hora de justiça, que emmudece ephemeramente enthusiasmos de conquistadores, e permite a analyse a frio dos quadros apparentemente arroubantes de illusoria phantasia!

Não ponho em duvida que haja intellectualidade dominante fóra de alcance da mente humana, mas não se me afigura intervenção de Providencia, — o Integral do Universo, em casos em que o peso avoluma em desproporção extraordinaria e em que, por força, as circumstancias produzidas teem de arrastar a queda sequente.

Isto, occorreu com o imperador Napoleão 1.º, e, se nem todos o confessam ou o distinguem, é isso devido a cegueira de loucura ou a grande calor de sympathia; mas os factos são o que são, e após as tempestades que perturbam o ar respiravel sempre fica limpida e serena como era antes a atmosphaera do espaço, no seio da qual se consolidam mundos e navegam esperanças largas!

«A 16 de dezembro de 1793, Toulon, em poder dos Inglezes desde 28 de agosto, foi retomado pelo general Dugommier, auxiliado por Bonaparte.» (Alfred Rambaud — *Historia da Revolução Franceza*, traducção de João Barreira).

Assim iniciou a sua carreira gloriosa de soldado o filho de Carlos Maria Bonaparte e de sua mulher Leticia Ramolino, nascido em Ajaccio, capital da ilha de Corsega, no dia 15 de agosto de 1769.

Occorrencias sequentes revolucionarias favoreceram o ascender de Bonaparte, que havia seguido o curso de artilheiro, e talvez permaneceria em plano inferior sem semelhantes occorrencias.

Como quer que fosse, aos 18 de janeiro de 1815, encontramos-lo, cingindo corôa imperial na cabeça, á testa de forças aguerridas e tendo na sua frente as tropas inglezas sob o commando de Wellington, fortalecido por bayonetas prussianas.

Vem a pêllo, n'este momento, em que acaba de ser celebrado o centenario da batalha do Busaco, prologo da catastrophe napoleonica, revelar-lhe tambem o epilogo no quadro de Waterloo, tanto mais, quanto o general em chefe nos dois campos vencedores foi o mesmo homem, — Wellington!

Vou transcrever a batalha de Waterloo, da obra de dois historiadores de diferente nacionalidade, um inglez e o outro francez, para ser possivel a comparação critica da verdade occorrente:

«No dia 18 de junho, ao meio dia, travou-se o combate pelo ataque do castello de Hougoumond e suas dependencias. Dentro em uma hora se forçou o bosque, e o inimigo teria podido tomar posse da casa, se um destacamento das guardas não a tivesse defendido com o valor mais pertinaz. Foi sitiado durante o resto do dia, como um posto isolado, enquanto os outros estavam occupados a defender-se. A cavallaria, passando em grande numero junto d'este posto, avançou precipitadamente contra a direita do exercito inglez, e deu uma carga tão impetuosa, que as tropas ligeiras da frente foram desbaratadas pela força do choque, e a cavallaria estrangeira, em logar de as sustentar, perdeu a firmeza e recuou. A infantaria de Brunswick supportou, comtudo, todos os assaltos com a maior firmeza, não só pelo impulso do seu valor natural, mas tambem pelo desejo de se vingar da morte do duque, que no ultimo combate, tendo-se precipitado denodadamente no meio das fileiras as mais espessas do inimigo, morrera na flor da idade. Estas tropas formaram quadrado, e fizeram fogo com tanto acerto, no momento em que um esquadrão lhe dava uma carga na esperanza de passar pelo centro d'ellas, que o inimigo recuou em desordem! Nos intervallos destes assaltos, fazia a artilharia franceza jogar as suas baterias e levava adiante de si com espantosa rapidez fileiras inteiras de valentes Allemães, que no mesmo instante eram substituidos, bem a seu pesar, por aquelles a quem ainda a morte não tinha alcançado.

Bonaparte esperava me'hor resultado de um ataque sobre o centro, que do vigor de outras operações. Enormes columnas de cavallaria e de infantaria, protegidas por oitenta peças de artilharia debaixo do commando do general Drouet, avançaram para o monte de S. João. A pri-

meira linha ingleza, protegida imperfeitamente por um extenso espinhal e um fosso, pareceu temer por algum tempo a aproximação do inimigo, passando animosamente por entre o espinhal, repeliu os batalhões que estavam mais á frente, que não obstante foram tão poderosamente soccorridos pelos esquadrões, que os seus adversarios ficaram expostos aos maiores desastres. Os hussares e a legião allemã, aniquilados pela terrível carga dos couraceiros, não podiam resistir mais, quando felizmente uma brigada veio em seu soccorro, e derramando a desordem e a confusão nas fileiras da cavallaria franceza, passou um grande numero á espada. Uma carnagem semelhante teve logar na ala esquerda, e de cada lado a perda foi consideravel; sem que resultasse nada decisivo. Uma pequena vantagem, pareceu, contudo, annunciar-se do lado dos alliados, que obri-garam tres mil homens, pouco mais ou menos, a deporem as armas. Os prisioneiros foram mandados immediatamente para Bruxellas; mas a sua chegada não foi bastante para dissipar o temor que os habitantes tinham de ver triumphar Napoleão.

O combate durava ainda sobre a direita. Os Francezes apoderaram-se de uma linha de artilharia e forçaram os artilheiros a retirarem-se no meio dos quadrados; mas em breve sahiram in-trépídamente deste apuro, vindo a cavallaria franceza perseguida e constringida a recuar, e tornaram de novo a jogar a artilharia com exito. As columnas serradas continuaram ainda por algum tempo a entreter o inimigo e obstaram ao seu triumpho pela superioridade do numero.

A segunda linha sobre que o duque de Wellington podia contar com mais certeza, tinha estado principalmente occupada até então em dar os soccorros necessarios. Formada em batalha por detraz da collina, gosava de uma segurança comparativa, posto que tivesse de soffrer algumas vezes o clarão das bombas. Se o valor destas tropas tivesse igualado o do resto do exercito, ter-se-ia podido alcançar a victoria sem o soccorro das tropas prussianas; mas, logo que o duque viu alguns regimentos Belgas não cumprirem com os seus deveres, e que outros corpos do exercito de reserva não mostravam tanto ardor e zelo, quanto se deveria esperar, desejou anciosamente a chegada de Blucher on de Bulow, sobre cujos esforços contava para sua vantagem. Mas ainda quando elle não fosse soccorrido, não temia uma derrota, e contava de poder manter o terreno até ao momento em que a noite obrigasse a suspender o combate.

A lentidão com que os prussianos procediam, augmentou a surpresa e a inquietação dos officiaes inglezes. A impaciencia fez parecer o tempo mais longo, e o excesso do perigo e da fadiga justificam esta impaciencia. Apareceu, enfim, Bulow; o fogo da sua artilharia era dirigido sobre o flanco direito dos francezes, e á medida que elle avançava, escaramuçavam as tropas ligeiras da sua divisão com os atiradores. Bonaparte, conforme o seu buletim, esperava repellar este assalto antes de atacar o centro dos alliados, e lisongeava-se do bom exito; mas, por um subito movimento da sua cavallaria, que procurou tirar partido de alguns symptomas apparentes de desordem, fálhou o seu projecto, e o resultado não correspondeu ás suas esperanças. O combate se reanimou immediatamente com furor, e a cada instante novas tropas se reuniam. Durava a batalha com encarnicamento havia sete horas, quando a guarda de Napoleão, em numero de quinze mil homens, pouco mais ou menos, marchou para a frente cheia de confiança. Outras tropas se lhe reuniram, e todas se dirigiram para o monte de S. João, trazendo apoz si uma artilharia formidável.

Conseguem chegar á collina; mas em logar de repellar os seus adversarios, fôram recebidos com uma resistencia tão corajosa, principalmente da parte das guardas, que se retiraram em desordem. O general inglez, animado por esta favorável apparencia, e notando que Bulow tinha constantemente occupado a direita do exercito francez, enquanto Blucher avançava tambem para tomar parte na acção, collocou todas as suas forças sobre uma só linha, e deu ordem de um ataque geral. As tropas mostraram-se animadas de novo ardor, e pondo de parte todo o sentimento de temor e de perigo, não viram outra cousa mais que as vantagens da honra e da gloria. Toda a resistencia se venceu dentro em pouco tempo, e o inimigo fugiu por todos os lados. As tropas de Blucher, que chegaram por ultimo, não estavam abatidas pela fadiga, perseguiram pressurosamente os fugitivos, de que uma grande parte foi acutilada. As perdas que soffreram os Francezes, durante a batalha e a retirada, não se avaliaram

em um numero determinado. Em consequencia da participação do general prussiano, soube-se simplesmente que quarenta mil homens, em que um grande numero estava desarmado, fôram perseguidos até Charleroi.» (*Historia d'Inglaterra* por Olivier Goldsmith, vertida em portuguez, tomo 4.º, Lisboa, 1844.)

(Continúa.)

D. FRANCISCO DE NORONHA.



A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1165)

«E sobre todo este quadro, um véo de neve, um vaporzinho azulado mudava em nuvensitas de differentes matizes, ou tomava fórmas phantasticas, como cidades e templos de columnatas de um amarello translucido ou de nuvens tão negras como se fôsem o pronuncio de uma tempestade.

«Os ruidos da noite chegavam até nós, vindos da ilha; os rugidos das vaccas, o piar das aves marinhas e de vez em quando algum grito horrivel d'um ser humano, que nos revelava a existencia d'uma alma agonisante. E a estes ruidos se juntavam outros ainda mais lugubres, que eram quasi a musica d'uma tormenta, isto é, o éco longiquo da fuzilaria dos homens de Czerny contra o yacht que se negava em recebel-os a bordo.

«Commigo iam quatro homens a bordo da canôa, entrando n'esta conta o capitão Nepeen. Peter Bligh governava o léme e Seter Barker e um marinheiro americano tomaram conta dos remos. Falavamos pouco porque o vento era capaz de levar até ao yacht • mais pequeno ruido. Tinhamos nas mãos as carabinas e no coração as maiores esperanças. Quem sabe se chegaríamos a tempo de despertar algum companheiro e arrancal-o ao horrivel somno dos bosques?

«Já disse que a gente de Czerny estava disparando tiros contra o yacht de seu amo, e que as detonações eram para nós como alegres canções. Não havia portanto receio de distrahir a sua attenção porque toda ella estava empregada na tarefa que tinham emprehendido. Portanto nada eramos para elles. Por isso avançavamos sem precauções e sem receio de nos incommodarem.

«Na nossa rectaguarda, lá ficava a metralhadora ameaçando os nossos inimigos. Junto d'ella ficaram tambem companheiros valentes, que olhavam por nós, vigiando o nosso trajecto, não nos perdendo de vista até chegarmos á praia.

«Caso tivéssemos de vêr o sol pela ultima vez, tambem elles corriam o mesmo risco. Não é costume entre marinheiros chorar ou desesperar-se por se vêr em frente do perigo. A unica coisa que diz é: «vamos para a frentel» e a firme resolução de cumprir com o seu dever é muitas vezes o que o salva.

«Dirigimo-nos para a ilha pelo lado occidental com o fim de ter sempre o mar entre os botes de Czerny e o nosso, levando sempre o rumo de maneira, que o canhão pudesse varrer sempre o espaço entre nós e os piratas. A terra era baixa no sitio onde desembarcamos, a O., e o mais extraordinario era que apesar de ser de natureza pantanosa, o nevoeiro que se estendia sobre ella quasi que se não via.

«Tinhamos combinado que o capitão Nepeen e eu desembarcariamos enquanto os outros

guardavam o bote. A nossa unica arma era o revólver que levavamos engatilhado e prompto á primeira voz. O nevoeira mortal constituia verdadeiramente o nosso maior perigo e para nos precavermos d'elle tinha cada um de nós um respiradouro que Duncan Gray inventara para nosso uso. Podiamos cahir nas garras do somno, mas levaria ainda bastante tempo.

— «Iremos pelo caminho mais direito para o bosque — disse ao meu companheiro, — os que desembarcaram em terra, não se terão afastado muito da praia, segundo penso. Procural-os-hemos perto da costa e veremos se temos a fortuna de os encontrar. Quanto a metter-nos para o interior, não devemos pensar n'isso, começando por ser perigoso e será bom não encetarmos a empresa com sustos.

«Concordou com o que eu dizia e que até já tinha pensado o mesmo.

— «Onde o senhor fôr, irei eu tambem, capitão Begg. Não julgue que ficarei para traz.

— «Nem eu tampouco me afastarei da costa, — retorquiu Peter Bligh — porque pôde ser preciso voltarmos para o bote. Boa viagem, capitão! O que é certo é que o meu capitão é um valente!...

«Ri-me ao ouvir aquella mentirola de Peter e saltei para a praia. O respirador que levava posto na boca e que estava carregado com alguma substancia chimica cuja composição ignorava, permittiu-me respirar ao principio com alguma facilidade. E o caso é, que enquanto no bosque parecia que a neve me asfixiava, na praia, pelo contrario, excitava-me, sentindo um allivio como se tirassem de sobre o meu corpo um grande peso e que caminhava pelo ar, exaltando-se o cerebro com idéas extranhas.

«O maior cobarde que exista na terra, não teria sentido nem um momento de terror, achando-se sob o estímulo d'aquelles vapores azulados por entre os quaes caminhavamos. Ante nós, abria-se um mundo de raros seres e de logares maravilhosos, conforme avançavamos pela praia e a deixavamos para a rectaguarda.

«Mas isto não era mais do que o principio do terrivel drama que d'ali a pouco teriamos de presenciar.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



O MEZ METEOROLOGICO

Abril 1911

Barometro. — Max. altura 772^{mm},9 em 21.

» Min. » 749^{mm},1 em 10.

Termometro. — Max. altura 23^º,5 em 23.

» Min. » 4^º,3 em 6.

O mez de que tratamos tem sido o abril mais frio que se conhece desde a fundação do observatorio. Pela primeira vez desde 1855, se accusam, dois dias com temperaturas inferiores a 5^º (em 6, 4^º,3 e em 8, 4^º,6). A temperatura minima de 4^º,3 é a mais baixa que se conhece no mez que citamos. Tambem as maximas até 12, foram baixas, sendo a mais fraca, em 6, de 10^º,6, egualmente a menor que se conhece.

Chuva — 88^{mm},9 em 15 dias, sendo as maiores alturas pluviometricas em 9 de 19^{mm},2, em 11 de 26^{mm},5 e em 13 de 11^{mm},0. Total da agua recolhida, 88^{mm},9.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 9 dias.

» Nublado 19 dias.

» Encoberto 2 dias.

Nevoeiro. — Em 1 e 2.

Granizo — Em 6.

Trovões — Em 6.

Trovoada — Em 13 e 14.

O Congresso do Turismo, em Lisboa



A ORNAMENTAÇÃO DE FLORES NA RUA AUREA (Cliché da «Mala da Europa»)



Portugal-España, *Revista semanal ilustrada*, Barcelona, Carmen, 16. E' uma publicação nova de que recebemos os n.º 1 e 2, que publicam respectivamente os retratos do dr. Teófilo Braga e dr. Bernardino Machado, com artigos firmados pelo sr. Ribera y Rovira, já conhecido em Por-

tugal, que tem visitado, mostrando sua grande simpatia por este país.

A sua colaboração é variada e interessando a Espanha e a Portugal, e nella encontramos os nomes de Magalhães Lima, Heliodoro Salgado, assim como a poesia de Guera Junqueiro, *A muileira*, tradisida em espanhol por E. Marquina.

Revista de Chimica pura e applicada. — Publicação mensal. Fundadores, redatores e proprietarios: A. J. Ferreira da Silva e Alberto de Aguiar. N.º 1 e 2 da 7.ª série, cujo sumario é o seguinte: Chimica geral, pelo professor Achilles Machado — Chimica sanitaria, I Dosamento da

humidade. II Pesquisa do arroz e do milho pelo processo Bellier. III Indagação das materias mineraes pelo ensaio com o tetrachloreto de Carbonio, por Ernesto Augusto Borges — I Os metodos de Bellier e Baumann para a pesquisa do arroz e do milho na farinha de trigo. II O ensaio pelo tetrachloreto de carbonio, por João Holtremann do Rego — Bibliografia — Novidades.

E' esta a primeira publicação do genero no país, e que em grande parte se deve ao aturado trabalho do illustre professor Ferreira da Silva, lente de quimica da Academia Politecnica do Porto e director do Laboratorio e Posto Fotometrico Municipal da mesma cidade.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Vierling & C.^a

Abriam o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço, Fundos.